Parte 1 - Alunos em foco

8 - Sentidos da escola para os jovens e adultos surdos

Simone de Brum

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BRUM, S. Sentidos da escola para os jovens e adultos surdos. In: RODRIGUES, M.B.C., ROCHA, F.M., and MASSENA, J.H., orgs. *Pesquisas e proposições pedagógico-curriculares na escolarização inicial da educação básica* [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017, pp. 191-199. ISBN 978-85-386-0472-3. Available from: doi: [10.7475/9788538604723.0009](https://doi.org/10.7475/9788538604723.0009). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/3vrq5/epub/rodrigues-9788538604723.epub>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Sentidos da escola para os jovens e adultos surdos

Simone de Brum

“Uma língua só pode ser utilizada em contato com outros sujeitos, portanto, em comunidade. Em comunidade, valores e experiências são compartilhados e vão engendrando modos de ser e estar no mundo, e esses valores e experiências constituem aquilo que chamamos de cultura.”

Adriana da Silva Thoma

Este artigo problematiza alguns sentidos da escola para determinados jovens e adultos surdos, na perspectiva da cultura e comunidade surda. Realizei entrevistas semiestruturadas com três alunos surdos de turmas de educação de jovens e adultos (EJA), de uma escola pública municipal de Porto Alegre, e, por fim, analisei as respostas obtidas, com o intuito de compreender o que buscam esses alunos ao frequentarem a escola. Partindo de algumas problemáticas percebidas no decorrer desse trabalho, realizei a análise das entrevistas, agrupei-as por sentidos/respostas similares e, então, interpretei-as com embasamento teórico, utilizando as ideias de Zigmunt Bauman (2003) para sustentar a compreensão adotada sobre o conceito de comunidade ao escrever que “A

‘comunidade’, cujos usos principais são confirmar, pelo poder do número, a propriedade da escolha e emprestar parte de sua gravidade à identidade a que confere ‘aprovação social’, deve possuir os mesmos traços” (p. 62). Além disso, baseei-me em pesquisadores do campo dos Estudos Surdos, como Adriana da Silva Thoma (2011), Maura Corcini Lopes (2007) e Liliane Ferrari Giordani (2003) em relação aos conceitos de "comunidade" e "cultura surda".

Conforme realizava leituras acerca da temática, ia percebendo o quanto os conceitos comunidade e cultura surda são importantes na constituição do sujeito surdo. Giordani (2003, p. 18) explica que

O conceito de cultura que marca a escolha do referencial (Hall, 1997a; 1997b; 1999)¹ fundamenta-se no entendimento de cultura como um processo, um conjunto de práticas com a produção e o intercâmbio de significados entre os membros de um grupo e, para este trabalho, o grupo é representado pela comunidade surda. Neste sentido, compreende-se os significados culturais como organizadores e reguladores das práticas sociais, influenciando nossas condutas e consequentemente tendo efeitos práticos no cotidiano.

A condição de jovens ou adultos retomando os estudos já mostra que um dia eles tiveram que deixar de estudar por algum motivo, seja por ciúmes do cônjuge, por ter que cuidar da casa, por ter que trabalhar para ajudar ou sustentar a família. Enfim, tantas são as histórias que escutei que esta retomada me pareceu, em muitos momentos, uma luta muito grande para poderem estar na escola novamente. Jovens e adultos que vêm fazer neste espaço mais uma tentativa, entre tantas

¹ Hall, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997a.

_____. The work of representation. In: _____. (Org.). *Representation: cultural representations and signifying practices*. London, Sage, 1997b.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

já experimentadas, de viver, em um lugar, sua própria língua, a cultura de sua comunidade, e que acreditam que, talvez, desta vez seja possível (Giordani, 2003, p. 21).

Existe um sentimento de proteção e acolhimento que muitas vezes estes alunos não percebem fora do espaço escolar. Percebi que os sujeitos surdos sentem falta da relação com outros surdos. Lopes (2007, p. 10) relata:

Sigo a escrita buscando referenciais que me possibilitem narrar os surdos como sujeitos culturais que, por não nascerem territorialmente próximos (Wrigley, 1996), necessitam ser aproximados uns dos outros. Tal aproximação tem se dado, geralmente, nas escolas e, mais recentemente, nas associações de surdos.

Isso nos faz perceber o quão importante é a educação de jovens e adultos surdos, pois é na escola que aprendem, trocam experiências, ajudam os colegas, vivem em comunidade e se identificam com a cultura surda, criando suas próprias identidades de sujeitos surdos.

Difícil definir a cultura ou comunidade surda, pois não é única, ou seria possível definir a cultura ou comunidade ouvinte? Comunidade surda e cultura surda andam juntas, uma completa a outra, e são fundamentais para os jovens e adultos surdos que buscam na escola a troca de experiências, vivências, costumes e, principalmente, língua. Giordani (2003, p. 49) afirma:

Para que se torne possível partilhar códigos culturais, é preciso que os membros de um grupo, de uma comunidade venham a partilhar conceitos, imagens, ideias, possibilitando que pensem e sintam o mundo, interpretando-o de maneira mais ou menos parecida. Neste sentido, pensar e sentir constituem sistemas de representação e, para que se possa comunicar estes significados a outras pessoas, é preciso compartilhar

de um mesmo código linguístico. Na escola de educação de surdos, assim como nas escolas que atendem classes populares, meninos e meninas em situação de rua, jovens e adultos com histórico de marginalização social, observa-se um deslocamento entre o texto do professor e as histórias de vida de seus alunos.

O sentimento de pertencer a um grupo de semelhantes nos tranquiliza, faz com que nos sintamos parte de algo; é um lugar de onde não somos excluídos, pois formamos uma comunidade e temos cultura própria. Analisando as falas dos entrevistados, tentei compreender os sentidos da escola para estes alunos sem esquecer a importância substantiva desse sentimento, desse pertencimento, interpretando as longas conversas que foram transcritas e categorizando-as conforme apresento a seguir.

TROCANDO EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS

Os sentidos da escola, para os entrevistados, apontam a busca de seus semelhantes, querendo participar, aprender a ler, escrever, sinalizar. Esta foi a característica com maior incidência: os surdos compreendem a escola como espaço de convivência, de ter com quem compartilhar as experiências de vida e, principalmente, de conhecer outros surdos. Ângela² deixa isso claro ao ser questionada em relação às mudanças observadas em sua vida ao retornar para a escola:

Agora a minha vida tá boa, porque antes era eu e a Catarina (colega) e mais um outro menino, um outro amigo surdo, só nós três, e eu quero conhecer mais, né, mas tem que ter paciência, tem que estudar bastante; antes, lá no centro em que eu estudava, tinha muitas pessoas, uma sala grande, agora é uma sala pequena, são poucos alunos, são só três.

² Os nomes serão fictícios para preservar a identidade dos entrevistados.

Ser surdo exclui estes alunos de uma suposta normalidade com que estamos acostumados a conviver, e, tendo em vista que a comunidade ouvinte é grande maioria, pensa-se que ser diferente os torna menos capazes de algo.

No decorrer das entrevistas, percebi que a evasão escolar destes alunos em momentos anteriores de suas vidas tem relação com o tipo de ensino que recebiam: eles eram ensinados da mesma forma que os ouvintes e sofriam com isso, pois não escutavam as professoras e, como consequência, não aprendiam. Catarina esclarece minha percepção ao dizer que:

...quando eu era pequena, nunca estudei com surdos... minha mãe nunca me colocou em uma escola de surdos... e a professora falava, e eu surda não entendia nada, eu só copiava, não entendia nada. Agora, depois que eu cresci, quando era nova, parei de estudar, e agora, eu já com idade avançada voltei a estudar. Eu vi que tem bastantes surdos, crianças surdas, e eu vejo, ai que lindo! Aí eu me lembro que a minha mãe nunca me colocou em uma escola, e eu queria muito antigamente ir a uma escola de surdos que nem os pequenos que eu vejo, pra aprender, pra ver, e eu me lembro isso quando eu vejo, né, e a minha mãe nunca me ajudou nisso.

Os três alunos entrevistados estudaram em escolas de ouvintes na sua infância. A fala da Catarina reforça ainda mais minha ideia de que isto foi causa de grande desestímulo, comprometendo a sua permanência na escola.

O DIA A DIA E O FUTURO

O futuro é outro sentido comum ao público da EJA. Embora encontrado em menor incidência nas respostas obtidas, se comparado com o sentido anterior, ele é significativo, pois remete às práticas adotadas pelos professores destes alunos em sala de aula. Ângela fala sobre isso:

Tem que estudar, pra crescer, aprender, é muito bom, precisa. Sempre aprender mais. Daí eu vou aprendendo matemática, pra mexer com dinheiro, porque eu não sei muito, matemática eu não sei muito, então precisa... Pro futuro, pra eu ir pra quarta série eu preciso aprender, não posso ter preguiça... eu tenho que participar, vir sempre nas aulas e estudar bastante, toda semana.

Nos relatos, percebi grande dificuldade de locomoção dos alunos pela cidade de Porto Alegre. Eles tiveram que decorar o nome do ônibus que pegam para ir até a escola, ou até outro local, pois não sabem ler. Foi necessário aprender e encontrar uma forma diferente de identificar o transporte.

OUTRAS PERCEPÇÕES

Por fim, um agrupamento que abrange diversos sentidos, pois foram percebidos com menor frequência. Como é o caso do Bento, que, em muitas respostas, cita a alimentação disponível na escola:

Lá na outra escola não era muito bom, aqui a comida é melhor, o arroz é bom, eu gosto daqui, aqui é muito bom, eu como tudo aqui, o leite é muito bom, o leite... a banana eu não gosto, mas tem que estudar sempre, é bom estudar.

A impressão que tive em relação à insistência desse assunto, em suas respostas, é que ele pode ter passado por dificuldades financeiras, tendo como consequência a falta de comida em casa. Perguntei a ele o que o fazia ir à escola, e ele respondeu:

“De noite às 6 horas, daí eu venho aqui e como, descanso um pouco e sinalizo um pouco.”

Isso reafirma o meu pensamento.

Outra característica que me chamou muito a atenção foi a declaração da Ângela quando explicita:

“Eu queria ouvir, eu queria falar, eu não gosto, mas com aparelho eu consigo falar um pouco, eu queria falar. Mas eu não ouço, eu queria ouvir, quando batessem palma, quando abrissem a porta, quando me chamassem e eu estivesse dormindo. A minha filha vem no quarto e diz: 'tu não ouviu eu te chamar?' E eu digo, 'Desculpa, eu não ouvi'. E ela diz: 'É verdade?' Mas eu tô sem aparelho, mas eu sou surda, e ela ouve bem.”

Mesmo que o meu trabalho seja com ênfase na cultura e comunidade surda e na importância destes conceitos para a educação de jovens e adultos surdos, acredito que seja relevante apresentar esta fala, que me demonstrou um incômodo em ser surda. Mas essa aluna também, e ao mesmo tempo, mostra interesse na troca de experiências e convivência com os demais colegas surdos ao relatar que retomou os estudos:

“Pra me estimular, pra aprender, pra ter educação, pra aprender bastante, eu preciso, isso é bom, pro meu futuro também, pra ir pra terceira série. Antes eu parei e eu não estudei nada, há muito tempo atrás, há muito tempo atrás, daí eu tive 3 filhos, nasceu os filhos, eu sofri muito, tinha fome, me separei, me ajudavam, diziam vai pra escola estudar; daí eu fui pra escola, e agora vim para esta escola.

E tá bom. Eu tenho que ser esforçada, não tenho que ter preguiça, eu tenho que abrir o conhecimento, tenho que ficar feliz, estudar bastante. Eu gosto de vir, de passear pra vir pra aula, eu gosto muito, gosto de aprender e estudar, matemática é difícil, mas no meu futuro, pra ir pra quarta série, daí precisa também.”

É possível que outros sentidos tenham passado despercebidos pela minha leitura e análise. Mas acredito que as características mais significativas tenham sido vistas, questionadas e teorizadas dentro das minhas possibilidades.

CONCLUSÕES

Os sentidos da escola para os entrevistados apontam para a busca de seus semelhantes, querendo participar e aprender a ler, escrever, sinalizar. Concluo, então, que o sentido principal do retorno à escola se refere ao compartilhamento da cultura surda, embora outros sentidos comuns ao público da EJA também tenham sido identificados.

A compreensão do sentido que a escola tem para estes alunos pode ajudar a entender a importância da comunidade e da cultura para os sujeitos surdos. Acredito que esse entendimento pode auxiliar no desenvolvimento de práticas significativas para esses sujeitos. Por isso penso que é nas escolas que as lutas dos movimentos surdos devem iniciar, é nelas que nós, como docentes, devemos incentivar e estimular a comunidade surda a lutar pelos seus direitos. Perlin (2004, p. 79) esclarece que

Para o surdo, não é “tudo é cultura”, mas o que tem significado essencial para a constituição da existência tem a sua dimensão cultural, um significado, uma política. Isso porque a cultura é uma parte constitutiva do político, que, por sua vez, impõe os limites culturais.

Existe a necessidade da troca, do compartilhamento de ideias e pensamentos, da convivência com os iguais, de sentir-se parte de uma comunidade onde as pessoas ao seu redor tenham características semelhantes às suas. Isso tudo facilita a aprendizagem, a vontade de frequentar a escola.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

GIORDANI, L. F. “*Quero escrever o que está escrito nas ruas*”: representações culturais da escrita de jovens e adultos surdos. Tese de Doutorado - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

LOPES, M. C. *Surdez e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PERLIN, G. O lugar da cultura surda. In: THOMA, A. S.; LOPES, M. C. (Org.). *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação de surdos*. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2004.

THOMA, A. S. Representações sobre os surdos, comunidades, cultura e movimento surdo. In: Lopes, M. C. (Org.). *Cultura surda e libras*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012, p. 87-100.

_____. Educação bilíngue para surdos no contexto da educação inclusiva. In: MORAES, S. C. de (Org.). *Educação inclusiva: diferentes significados*. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2011. p. 129-139.